

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: AÇÕES PRÁTICAS DE EMPRESAS DE CACOAL E VILHENA, RONDÔNIA

ELIENAI CASTRO DA SILVA DOS SANTOS
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR

DAIANE MARTINS ROCHA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC

JOSÉ KENNEDY LOPES SILVA

Introdução

Em busca de soluções ambientais que garantam a sobrevivência das futuras gerações, e, sobretudo, devido à preocupação com a exaustão dos recursos naturais, surgiu, em 1987, o relatório *Nosso Futuro comum*, elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pela ONU. Para a comissão, o desenvolvimento é sustentável na medida em que consegue satisfazer as necessidades atuais de modo a não comprometer a capacidade das gerações futuras de suprirem suas próprias necessidades, o que foi tornado ainda mais claro com a proposta do tripé da sustentabilidade, de Elkington.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Através de sua produção ou prestação de serviços, as organizações geram consequências no ambiente em que atuam. Com o foco em empresas do interior de Rondônia e tendo em vistas os impactos que essas organizações podem ter para o desenvolvimento sustentável de suas cidades e de toda a região Amazônica, a pesquisa tem como problema identificar que tipo de ações essas empresas realizam a fim de promover o desenvolvimento sustentável. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo analisar empresas do interior de Rondônia em relação às suas práticas para o desenvolvimento sustentável da região.

Fundamentação Teórica

Este artigo se baseia, sobretudo, na proposta do tripé da sustentabilidade (ELKINGTON, 1997), que aborda as dimensões ambiental, social e econômica, sendo as mais difundidas entre os autores da área. A dimensão ambiental busca eliminar ou reduzir os efeitos negativos provocados pelo uso inadequado dos recursos naturais. O aspecto social é entendido como a responsabilidade social das organizações tanto em relação aos colaboradores quanto à comunidade na qual está inserida. Quanto à abordagem econômica do tripé de sustentabilidade, é a que traz visão do lucro propriamente dito.

Metodologia

A base empírica desta pesquisa foram organizações localizadas nos municípios de Cacoal e Vilhena, que de acordo com dados do IBGE (2022), são dois dos maiores municípios do Estado (5º e 4º em número de habitantes, respectivamente). A amostra foi definida a partir da aceitação dos gestores das organizações em participar da pesquisa, que utilizou método qualitativo e foi realizada a partir da aplicação de questionários, compostos por sete perguntas discursivas, enviadas via e-mail entre dezembro/2021 e janeiro/2022. Como técnica de análise dos questionários foi utilizada a Análise de Conteúdo.

Análise dos Resultados

Qualquer organização, como no caso de construtoras, redes de farmácias, postos de combustível, fazendas para produção de gado de corte, e outras que fazem parte do âmbito de atuação dos gestores que participaram da pesquisa, geram um grande impacto no ambiente em que atuam. Mesmo sabendo que o objetivo principal dessas organizações têm sido os ganhos financeiros, identificou-se a necessidade de adoção de estratégias no desenvolvimento de produtos e serviços que atendam às necessidades de seus clientes sem afetar as futuras gerações.

Conclusão

Os gestores mostraram desconhecer o tripé da sustentabilidade, que envolveria o social, econômico, ambiental, e isso reflete nas práticas de suas organizações. A maioria de suas ações consideradas sustentáveis, na verdade, abrangem apenas uma visão simplista do pilar econômico, que envolve diminuição de custos e o cumprimento da legislação a fim de evitar multas ou demais penalidades. Os gestores das organizações apontaram a necessidade de políticas públicas e incentivos fiscais. Porém, a pesquisa apontou a necessidade de conscientização acerca do que seja o desenvolvimento sustentável.

Referências Bibliográficas

CMMAD. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988. ELKINGTON, John. *Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business*. Oxford: Capstone, 1997. INSTITUTO ETHOS. *Indicadores Ethos para negócios sustentáveis e responsáveis*. São Paulo: Instituto Ethos, 2013. LEFF, Enrique. *Discursos Sustentáveis*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010. SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. 2. Ed. São Paulo: Garamond, 2009. VEIGA, José Eli da; ZATZ, Lia. *Desenvolvimento sustentável, que bicho é esse?*. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

Palavras Chave

Desenvolvimento Sustentável, Tripé da Sustentabilidade, Amazônia

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: AÇÕES PRÁTICAS DE EMPRESAS DE CACOAL E VILHENA, RONDÔNIA

1 INTRODUÇÃO

São muitos os desafios ambientais a serem enfrentados quando se busca ações que sejam direcionadas a melhorar a condição de vida no planeta, pois a exaustão dos recursos naturais, o aumento na emissão de poluentes, mudanças climáticas, diversas espécies em extinção e *habitats* exterminados têm gerado preocupação com o ecossistema como um todo (INSTITUTO ETHOS, 2022).

Em busca de soluções ambientais que garantam a sobrevivência das futuras gerações, surgiu o debate acerca do desenvolvimento sustentável, que é considerado um tema relevante em diversos contextos, com discussões no meio acadêmico, governamental, político e social (BOFF, 2016). Os princípios de desenvolvimento sustentável governam a busca por qualidade de vida, desenvolvimento de recursos e crescimento econômico (LEMOS, *et al*, 2022).

A Amazônia é um território central na discussão sobre desenvolvimento sustentável, o que provoca a atenção de pesquisadores do mundo inteiro para que o crescimento acompanhe certos princípios de sustentabilidade. Isso tem feito muitas organizações mudarem suas posturas, sendo que a conduta que envolve preocupações e ações que minimizem os problemas ambientais têm se tornado um diferencial competitivo, visto que as legislações ambientais e o mercado consumidor têm contribuído para essa mudança de postura, e exigido maior esforço das organizações para direcionar suas ações para uma direção mais sustentável (SILVA; FERREIRA NETO, 2014).

Através de sua produção ou prestação de serviços, as organizações geram consequências no ambiente em que atuam. Com o foco em empresas do interior de Rondônia e tendo em vistas os impactos que essas organizações podem ter para o desenvolvimento sustentável de suas cidades e de toda a região Amazônica, a pesquisa tem como problema identificar que tipo de ações essas empresas realizam a fim de promover o desenvolvimento sustentável. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo analisar empresas do interior de Rondônia em relação às suas práticas para o desenvolvimento sustentável da região.

A base empírica desta pesquisa foram organizações localizadas nos municípios de Cacoal e Vilhena, de acordo com dados do IBGE (2022) são dois dos maiores municípios do Estado (5º e 4º em número de habitantes, respectivamente). A amostra foi definida a partir da aceitação das organizações que foram convidadas a participar da pesquisa e como técnica de análise foi utilizada a Análise de Conteúdo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O conceito de desenvolvimento sustentável e o tripé da sustentabilidade

A Revolução Industrial ocorrida no final do século XVIII é considerada um dos pontos de partida para grandes transformações no planeta. Devido às mudanças nas atividades produtivas, ocorreram muitos desastres ambientais colocando em risco a vida de milhares de pessoas gerando sérias consequências provenientes de um sistema que visava apenas a produtividade e crescimento econômico, sem atenção para a qualidade do ambiente (POTT; ESTRELA, 2017).

Para Veiga (2011), foi a consciência coletiva que levou a formulação da expressão desenvolvimento sustentável, as pessoas começaram a se atentar para a necessidade de reformas nos sistemas de produção e consumo, para que houvesse a compatibilização de expansão de liberdade com a conservação dos ecossistemas. A partir da década de 1970, ocorreram várias

discussões e eventos promovidos por meio das ações da ONU, especialmente no final do século XX que influenciaram as políticas e a sociedade por meio das práticas de Organizações Não-Governamentais (ONGs) no âmbito acadêmico, governamental, político e social (LEMOS, *et al.*, 2022).

Em 1987, na Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, foi apresentado o Relatório Brundtland, intitulado “Nosso Futuro Comum”, documento no qual estabeleceu-se o termo ‘desenvolvimento sustentável’ como “aquele que atende as necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p. 46).

Veiga (2011) afirma que a palavra ‘desenvolvimento’ é irreversivelmente seguida pelo adjetivo ‘sustentável’ para enfatizar a necessidade de conciliar as aspirações primárias da espécie humana com a necessidade de proteger o ecossistema para que ele possa sobreviver como espécie. A premissa do que é sustentável é ser um sistema que tem condição de se manter sem que haja sua destruição ou exaustão. A forma de usar recursos de maneira ininterrupta, coerente, principalmente consciente e responsável sem trazer prejuízos vindouros (LEFF, 2010). Para Sachs (2009), a prática do desenvolvimento sustentável compete aos setores públicos e privados, sendo que os governos possuem as atribuições de trazerem essa discussão do tema e criar políticas públicas para que se obtenham resultados desse progresso visando a proteção às riquezas e o meio ambiente.

Para Veiga (2008), ainda há vários desafios a serem enfrentados quando se trata de desenvolvimento sustentável, pois ainda não há muito consenso quanto ao seu conceito, e predomina ainda o sinônimo de crescimento econômico e desenvolvimento. Para haver desenvolvimento sustentável, tanto o fator econômico e ambiental, assim como o social, devem ter a atenção equilibrada, sendo necessária uma conciliação para a preservação do meio ambiente e desenvolvimento econômico (FERREIRA, 2020; SOUZA, 2020).

Boff (2016) apresenta o conceito de sustentabilidade como um conjunto de processos e ações que visam à vitalidade e integridade da Terra, protegendo seus ecossistemas e todos os seus elementos físicos, químicos e ecológicos, permitindo que a vida exista e se reproduza e atenda às necessidades das gerações presentes e futuras, e que a civilização humana possa ter sua continuação, expansão e realização do seu potencial. Varmeling (2018) faz a diferenciação dos termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, considerando o primeiro como um estado (decorrente da interação de organizações, indivíduos, sociedades e nações), ao passo que o segundo refere-se ao processo para alcançar esse estado.

Ainda que o uso inicial do termo desenvolvimento sustentável, a partir do Relatório Brundtland, trouxesse a questão ambiental no sentido de poder manter os negócios e o acesso às matérias primas, esse conceito foi se ampliando e se tornando mais nítido e aplicável. Com isso, já na década de 1990, John Elkington, lança a proposta do tripé da sustentabilidade, que engloba as dimensões social, ambiental e econômica, também conhecido como *Triple Bottom Line* (ELKINGTON, 1997), dimensões que se tornaram os pilares para alcançar um desenvolvimento sustentável e, conseqüentemente, a sustentabilidade. Porém, outros autores como Sachs (2009), incluem aspectos geográficos, culturais, psicológicos, de política nacional e internacional. Boff (2016) acrescenta ainda, os pilares da diversidade cultural, o pilar espiritual e o pilar institucional, demonstrando assim que há muitos fatores que devem ser incluídos e analisados.

Apesar de já existirem muitas propostas quanto às dimensões que devem ser consideradas para o desenvolvimento sustentável, este artigo tem um foco maior nas dimensões ambiental, social e econômica, que são as mais difundidas entre os autores. A dimensão ambiental traz a discussão de que deve haver maior consciência e respeito ao meio ambiente, colocando o ser humano não como um proprietário, mas como parte integrante e também dependente dele. Nessa dimensão, a busca é por eliminar ou reduzir os efeitos negativos

provocados pelo uso inadequado dos recursos naturais (FERREIRA, 2020). Há uma demanda de transformação do valor humano, além do sentido econômico, social, político e cultural, de modo que as formas de produção e consumo levem em conta a capacidade de o ecossistema passar por seu processo de auto recuperação (NASCIMENTO; LEMOS; MELO, 2008; BOFF, 2016). Assim sendo, é necessário que o consumo ocorra de modo a respeitar o período o necessário para o sistema fazer a recomposição natural (SOUZA, 2020).

O aspecto social é entendido como a responsabilidade social das organizações tanto em relação aos colaboradores quanto à comunidade na qual está inserida. É o comportamento ético adotado nas organizações com intuito de promover políticas e ações que venham a favorecer a todos. É um compromisso com a sociedade, como forma de demonstrar que a organização não existe com objetivo de apenas obter lucro, mas também gerar um impacto positivo na sociedade, proporcionar melhoria na qualidade de vida e no meio ambiente (HART; MILSTEIN, 2004; NASCIMENTO; LEMOS; MELO, 2008). É desenvolver um pensamento que visa minimizar as desigualdades sociais através dos avanços alcançados, levando em consideração as diferenças existentes em cada sociedade (LEMOS, *et al.*, 2022). A sociedade compreende que as organizações podem contribuir de maneira efetiva para a redução das desigualdades sociais, aumento do nível de educação e melhoria na condição de vida trazendo oportunidades para a comunidade.

Quanto à abordagem econômica do tripé de sustentabilidade, a que traz visão de lucro propriamente dito, deve estar aliada às ações que visem a promoção do bem-estar das pessoas e o cuidado com o meio ambiente. Os recursos investidos devem ser feitos respeitando as políticas públicas, de forma que a eficiência seja responsável pelo uso consciente de recursos naturais para uma maior produção (LEMOS, *et al.*, 2022). Deve haver a adoção de estratégia no meio corporativo no desenvolvimento de produtos e serviços que atendam às necessidades de seus clientes sem afetar as futuras gerações. Há a necessidade por uma busca em inovação tecnológica, processos produtivos mais eficientes e sustentáveis, uso de produtos biodegradáveis ou que possam ser reutilizados em novos processos, monitoramento dos recursos naturais utilizados assim como outras formas de ecoeficiência que podem ser adotadas nas organizações (BOFF, 2016). A economia pode crescer até o ponto em que não haja interferência na renovação dos sistemas naturais, sendo importante envolver a dimensão ambiental e econômica no sistema de produção. E isso deve estar inserido nas estratégias das organizações.

Pensar em sustentabilidade exige que se mude os moldes da atual economia, e para isso é necessária uma transição principalmente social e cultural quanto a forma do ser humano se relacionar com o meio ambiente, é mudar a forma de entender e habitar o planeta (SOUZA, 2020; SANTOS; SOUZA, 2021). Reconhece-se que o desenvolvimento sustentável não traz uma solução imediata de forma mágica para resguardar e evitar a degradação e escassez ambiental, mas propõe uma modificação na conduta e atitudes da humanidade (SOUZA, 2020).

Embora sejam importantes as iniciativas da educação e do governo para a conscientização dos problemas ambientais e sociais, é necessário que o tema também seja difundido no meio empresarial, pois eles podem contribuir para uma verdadeira mudança. Para o governo, essa é uma forma de tentar executar os acordos internacionais e responder às pressões internas e externas para minimizar a degradação ambiental. Para a organização, representa uma nova forma de lucrar e de se mostrar como socialmente responsáveis, melhorando assim a sua atuação junto a sociedade (MADEIRA, 2014).

As organizações interferem no meio ambiente e podem contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento sustentável através de suas estratégias e práticas organizacionais, o que será abordado no próximo tópico.

2.2. Estratégias empresariais para o desenvolvimento sustentável

As organizações desempenham um papel importante para a promoção dos conceitos de desenvolvimento sustentável. Podem desenvolver projetos direcionados para processos sustentáveis em que essas práticas se tornem uma tendência em todos os setores, o que pode ser adotado no desenvolvimento de produtos e serviços que atendam às necessidades de seus clientes sem afetar as futuras gerações. E isso deve ser inserido em suas estratégias e práticas. As organizações devem atuar com responsabilidade social que pode ser entendida como o comportamento ético que as organizações adotam para promover políticas e ações que tragam benefícios para além das suas atividades. Trata-se de um compromisso com a sociedade mostrando que a organização existe para gerar mais que resultados financeiros, mas também impactar de forma positiva a sociedade (HART; MILSTEIN, 2004). Deve haver por parte das organizações preocupações sociais que tragam melhorias na qualidade de vida da comunidade assim como do meio ambiente, sendo que vai além da obrigação legal buscando agir de forma socialmente responsável (NASCIMENTO, *et al.*, 2008).

A discussão sobre a conduta das empresas enquanto agentes sociais no processo de desenvolvimento têm alcançado patamares elevados. Dessa forma, as ações praticadas pelas organizações vêm a impactar direta e indiretamente a todos da comunidade no seu entorno, devendo assim pautar suas decisões de forma orientada para assim ser responsável e conduzir seus esforços em uma direção mais sustentável (SILVA, FERREIRA NETO, 2014). O Instituto Ethos (2013) traz o conceito de um negócio sustentável e responsável como sendo:

Uma atividade econômica orientada para a geração de valor econômico-financeiro, ético, social e ambiental. A produção e a comercialização devem ser orientadas ao ponto de obterem redução contínua do consumo de bens naturais e de serviços ecossistêmicos, conferindo assim, competitividade e continuidade à própria atividade, na medida em que promovem e mantêm o desenvolvimento sustentável da sociedade (INSTITUTO ETHOS, 2013).

Com o aumento da degradação ambiental, as organizações devem inserir aos seus objetivos, além do lucro, a responsabilidade social e o bem-estar da população, pois, a permanência das organizações no mercado engloba também estes aspectos. Além disso, quando as organizações atendem às legislações regulatórias, projetam a sua imagem e a de seus produtos ou serviços como sendo desenvolvidos de maneira sustentável, e dessa forma, se tornam mais competitivas junto aos seus concorrentes (TINOCO; KRAEMER, 2011). Por sua vez, a gestão voltada para sustentabilidade pode colaborar para disseminar a consciência de desenvolvimento sustentável no negócio sendo capaz de se tornar referência para as pessoas e demais empresas (BACK, 2015).

Ser sustentável passou a ser uma obrigação da sociedade como um todo, incluindo as organizações que são as responsáveis por explorar uma grande diversidade de recursos naturais para transformá-los em seus produtos. Desse modo a sustentabilidade empresarial tem como intuito reduzir o impacto que a organização causa no meio ambiente e busca desenvolver ações que possam contribuir com o desenvolvimento da sociedade e do meio ambiente (NASCIMENTO; LEMOS; MELLO, 2008).

De acordo com Boff (2016) para que tenha sustentabilidade tem de haver maior conservação do sistema natural, a fim de que possibilite a continuidade de vida, tanto no presente assim como no futuro. O autor argumenta que não devemos consumir os recursos além da capacidade que o sistema tem de regenerar-se. Fazer o uso dos recursos que são renováveis de forma eficiente em quantidades que sejam compatíveis com a capacidade de renovação, investir em soluções economicamente viáveis de suprimento das necessidades para que todos possam ter uma qualidade de vida adequada.

2.3 O contexto de Rondônia: os municípios de Cacoal e Vilhena

A Amazônia Legal é composta por 9 estados brasileiros, sendo eles: Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, Mato Grosso, e parte do Maranhão. O estado de Rondônia faz parte da região amazônica, está localizado na região Norte brasileira, ocupando uma área de mais 237 mil km² e possui 52 municípios (IBGE, 2022).

A política nacionalista no período da ditadura, com a ideia de desenvolvimento da região amazônica com o lema “integrar para não entregar”, garantiu a ocupação da região sem planejamento em relação ao desenvolvimento sustentável, sendo responsável nesse período pela destruição de grande parte do bioma, áreas de florestas, os rios, minérios e populações indígenas (MALHEIROS; PORTO-GONÇALVES; MICHELOTTI, 2021).

A população dessa região possui elevados níveis de pobreza, mesmo estando em meio a um dos mais completos e maiores estoques de recursos naturais do planeta. O atual processo de desenvolvimento ocorre de maneira desigual, com uma baixa eficiência e um elevado custo ambiental, na qual o uso predatório dos recursos naturais eleva o bem-estar de poucos num primeiro momento, para gerar pobreza para a grande maioria assim que os recursos se esgotam (BARRETO, *et al.*, 2014).

O histórico do estado apresenta que a ocupação do território rondoniense é fortemente marcada por desmatamentos e uso predatório de seus recursos naturais, assim como conflitos sociais. Passou por grandes transformações a partir da década de 1970, sendo elas econômicas, sociais e ambientais com a implantação dos programas dos governos federais que tinham como intuito o desenvolvimento da região e de contribuir para a ocupação sistemática do território por meios de políticas públicas, incentivos e investimentos em larga escala, com abertura de estradas, construção de hidrelétricas, exploração de minerais e a colonização agropecuária (BARRETO, *et al.*, 2014). Muitos migrantes foram instigados a vir por conta do potencial econômico da época, como a grande quantidade de terras inexploradas e que estavam disponíveis para o cultivo da agricultura e pecuária, assim como a extração de madeiras, borracha e o minério (ROCHA; BACHA, 2000).

Em Rondônia o comércio ilegal de madeiras, o desmatamento e as queimadas para criação de pastagens, são exemplos de como os recursos naturais são usados sem que haja preocupação ambiental, sendo um dos estados que mais perde biodiversidade. A responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário é fundamental para atingir melhores níveis de desenvolvimento sustentável. As noções de desenvolvimento do agronegócio se distanciam do conceito apresentado de sustentabilidade, postulando assim um descompasso com a prática rural e a teoria, pois os níveis de desmatamento continuam crescendo (SILVA; FERREIRA NETO, 2014).

Dentro deste contexto do estado, cabe ressaltar algumas características dos municípios pesquisados neste artigo: Cacoal e Vilhena. Cacoal ocupa a 5^o posição no ranking do estado de Rondônia em número de habitantes, e possui o 5^o maior PIB do estado. A atividade econômica predominante é do setor de serviços, seguido do setor público, agropecuária e indústrias, Vilhena ocupa a 4^a posição em número de habitantes, sendo considerada a 3^o maior economia do estado de Rondônia. As atividades econômicas predominantes que possuem maior participação no PIB do município são do setor de serviços, administração pública, indústria e agropecuária (IBGE, 2022).

Na seção seguinte serão apresentados os procedimentos metodológicos que compuseram a realização da pesquisa.

3 METODOLOGIA

A abordagem é considerada qualitativa, pois, o objeto de estudo engloba o campo econômico, ambiental e social, e necessita de uma visão ampla e até mesmo subjetiva do pesquisador. Para Creswell (2010), este enfoque metodológico qualitativo permite ao pesquisador maior proximidade e familiarização com o problema.

Como técnica de análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, que é um conjunto de instrumentos metodológicos que busca identificar as ideias principais e os temas mais relevantes abordados no texto (SILVA; FOSSÁ, 2015). Os dados obtidos foram lidos e analisados, o que possibilitou o tratamento, exploração e a interpretação que serão descritos nas análises do trabalho.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a de questionários, neste método o pesquisador organiza um conjunto de questões “ordenada e consistente de perguntas a respeito de variáveis, e situações, que se deseja medir, ou descrever” (SILVA, 2017, p. 155). Os gestores puderam responder livremente às questões abertas sobre os temas abordados.

O questionário foi composto por sete perguntas discursivas sendo elas: i) O que o (a) senhor (a) compreende por desenvolvimento sustentável? ii) Sua organização possui ações práticas que podem ser entendidas como sustentáveis? Se sim, quais? iii) O (a) senhor (a) influencia sua cadeia de clientes para se adequarem ao desenvolvimento sustentável? iv) O (a) senhor (a) concorda que uma empresa pode gerar diferencial competitivo no mercado com a sustentabilidade? Se sim, exemplifique. v) Como uma empresa pode divulgar a adoção de práticas sustentáveis e encorajar seus concorrentes, clientes e sociedade a fazer o mesmo? vi) O (a) senhor (a) acredita que o dinheiro aplicado em ações sustentáveis já é considerado um investimento e não mais um gasto pelas empresas? vii) Quais os desafios encontrados pela organização quanto ao desenvolvimento sustentável?

Inicialmente, a pesquisa previa o levantamento de dados das maiores empresas de Rondônia, mostrando ações de sustentabilidade que tivessem impacto considerável para a Amazônia brasileira. O objetivo era ver se as empresas possuíam ações significativas em relação à sustentabilidade e ao desenvolvimento sustentável na região. Foram convidadas a participar da pesquisa 13 (treze) empresas em três cidades do estado sendo, Porto Velho, Cacoal e Vilhena.

Foi feito contato inicial via telefone e encaminhado e-mail, onde foram apresentados os objetivos da pesquisa e esclarecidas as dúvidas, 4 (quatro) organizações não deram retorno, outras 2 (duas) afirmaram falta de interesse. Ao final 7 (sete) empresas aceitaram participar, dentre elas 2 (duas) após várias tentativas para que respondessem a pesquisa, afirmaram não haver disponibilidade de tempo e 1 (uma) organização mesmo havendo insistência para obtenção de respostas, depois de um mês retornou afirmando que a proposta foi apresentada à comissão responsável pela parte ambiental e foi decidido que a empresa não poderia fornecer informações da organização referente às questões ambientais. Sendo assim, a presente pesquisa teve a participação de 4 (quatro) empresas. A pesquisa foi realizada nos meses de dezembro/2021 e janeiro/2022.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram criados nomes fictícios para manter o sigilo dos participantes, para melhor organização dos dados obtidos. No quadro 1, são apresentadas informações que permitem compreender as características das organizações participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Caracterização das organizações.

Empresa	Respondente	Município	Porte	Segmento de atuação	Tempo de mercado
Grupo Alfa	Proprietário	Cacoal	Grupo de empresas (Tamanhos de pequeno a grande porte)	Posto de combustível Escola de aviação Dist. água e gás Fazendas Restaurante	40 anos
Ferro e Aço	Gerente	Vilhena	Grande porte	Comércio varejista de ferragens e ferramentas	37 anos
Construtor a Beta	Funcionária Responsável	Vilhena	Grupo de 3 empresas (pequeno porte)	Construtora Imóveis e administração de condomínios Acabamentos e artefatos cimentícios	2 anos
Farmacol	Proprietária	Vilhena	Empresa de Pequeno porte	Farmácia (parte de uma franquia nacional de farmácias)	15 anos

Fonte: Elaborado pelos autores.

As organizações pesquisadas estão consolidadas no mercado, 3 delas possuem um longo tempo de atuação no mercado, exceto pelo grupo de empresas Construtora Beta, que iniciou no mercado há dois anos, porém, tem crescido rapidamente, e mesmo afirmando ser de pequeno porte, com poucos colaboradores vinculados de forma direta, ela possui mais de 300 funcionários terceirizados prestando serviços à organização, mostrando assim que, mesmo sendo de pequeno porte, este grupo emprega uma quantidade significativa de pessoas e que atende a uma demanda grande de obras.

As empresas Grupo Alfa, Ferro e Aço e Construtora Beta são empresas que atuam no comércio local, enquanto que a empresa Farmacol faz parte de uma rede de farmácias que atua em 20 estados do país.

No quadro 2, são explicitadas como se estruturou a análise de conteúdo a partir das respostas dos gestores das organizações, para isso foram criadas categorias iniciais que se sustentavam com os questionários e a partir disso foram realizadas reflexões no processo de leitura, análise e interpretação dos dados com base em Silva e Fossá (2015) para se apresentar a categoria final para a melhor análise dos dados.

Quadro 2. Categorias de análises

Categorias iniciais	Conceito norteador (Categorias intermediárias)	Categoria final
Sustentável Percepção Economia de recursos	Evidência das ações e percepção dos gestores	Compreensão e ações práticas de desenvolvimento sustentável
Clientes e Consumidores Competitividade Adequação Divulgação	Evidencia os benefícios do uso da sustentabilidade	A sustentabilidade como influência e diferencial competitivo
Dificuldades Políticas públicas	Salienta as dificuldades enfrentadas	Desafios encontrados pelos gestores quanto ao desenvolvimento sustentável

Fonte: Elaborado pelos autores.

Inicialmente, será destacada qual a compreensão e ações práticas de desenvolvimento sustentável. Em seguida, será apresentado o uso da sustentabilidade como influência e diferencial competitivo e os desafios encontrados quanto ao desenvolvimento sustentável.

4.1 Compreensão e ações práticas de desenvolvimento sustentável

A primeira categoria a ser abordada foi quanto a compreensão dos gestores em relação ao desenvolvimento sustentável, para que fosse possível identificar se eles tinham conhecimento efetivo sobre o assunto e sua aplicação. As respostas das empresas Grupo Alfa, Ferro e Aço e Construtora Beta associaram o desenvolvimento sustentável ao crescimento financeiro e à eficiência dos processos, buscando economia no uso dos recursos como água e energia elétrica, cumprindo a legislação ambiental vigente e buscando minimizar os impactos que as atividades provocam, para não afetar o desenvolvimento das próximas gerações como demonstrado na fala do gestor do grupo Alfa: “Desenvolvermos nossas atividades sempre pensando na eficiência dos processos, economizando tempo, energia elétrica, gastos de água e preservação do meio ambiente”. A gestora da empresa Farmacol, traz outros elementos como a importância da consciência de cada um, que para ela, as ações individuais podem gerar impactos positivos e negativos, sendo assim, nossas escolhas de hoje podem mudar o amanhã, como ela descreve em sua fala:

Eu compreendo que [desenvolvimento sustentável] é utilizar nossos recursos de maneira consciente, utilizar hoje pensando no amanhã. De uma forma sistêmica a gente integrando as nossas ações, entendendo que aquilo que a gente consome pode refletir diretamente na natureza de forma positiva ou negativa, então esse estado de consciência faz com que a gente reutilize recicle e faça um bom uso dos recursos que estão disponíveis para nós no hoje, pensando sempre no amanhã, no futuro, para que outras pessoas possam ser beneficiadas com as nossas escolhas hoje.

Foi possível identificar que as respostas dos gestores participantes estão alinhadas com a proposta da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente quanto ao desenvolvimento sustentável no sentido de atender às atuais demandas pensando também nas gerações futuras, usando de forma eficiente os recursos disponíveis à organização (CMMAD, 1991). Porém, as respostas não demonstram compreensão acerca da aplicação desse conceito que engloba os pilares ambiental, social e econômico. Foram apresentadas uma abordagem principalmente de cunho econômico no sentido de redução de custos através da economia dos recursos utilizados. Pode-se perceber que, ainda que seja possível que as empresas contatadas tenham ações voltadas para o social e o econômico e ambiental citados no tripé do desenvolvimento sustentável, elas não foram citadas nas respostas de forma nítida.

Assim, quando se fala em desenvolvimento sustentável, os gestores direcionam seus discursos para as questões ambientais, e pouco se atentam ao social e ao econômico como componentes desse todo que se chama desenvolvimento sustentável. Em suas falas é percebido que estão mais voltados para economia dos recursos e cumprimento de legislação para não sofrer alguma multa ou litígio, embora tenha sido mencionado a minimização do impacto gerado por suas atividades, não pôde ser constatado nada efetivo nas respostas analisadas.

Quanto às ações que podem ser entendidas como sustentáveis, abordadas na segunda questão, os gestores listaram algumas das práticas de suas organizações. Todos alegaram realizar ações voltadas para o desenvolvimento sustentável, porém, em suas respostas (demonstradas no quadro 3) foi possível identificar que suas ações, de modo geral, não excedem os interesses regulatórios da legislação e têm sido de cunho estritamente financeiro, isto é, de redução de custos operacionais (BARBIERI, 2004).

Quadro 3 – Ações práticas de desenvolvimento sustentável nas organizações

Empresa	Ações de desenvolvimento sustentável
	✓ Uso de lâmpadas de LED (escritórios, pátio e pista);

Grupo Alfa	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Monitoramento eletrônico de tanques; ✓ Coleta de resíduos; ✓ Caixas separadoras de água óleo.
Ferro e Aço	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Redução do uso de papel de escritório (reutilização dos rascunhos); ✓ Adoção de copo e xícaras individuais para os colaboradores; ✓ Instalação de geradores e placas solares; ✓ Conscientização do uso de energia e água.
Construtor a Beta	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Uso de lâmpadas de LED (nas obras e escritórios); ✓ Adoção de garrafinhas para o consumo de água (copos descartáveis apenas para clientes que estão passando pela organização); ✓ Reutilização do descarte de obra (sempre que possível); ✓ Reutilização de impressões para rascunho; ✓ Coleta seletiva em nosso escritório.
Farmacol	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Descarte adequado de medicamentos vencidos e produtos perfurocortantes; ✓ Adoção de copos e xícaras individuais para os colaboradores; ✓ Conscientização quanto a redução no uso de água e luz e papel de secar as mãos; ✓ Uso de produtos de limpeza mais neutros e menos tóxicos ao meio ambiente.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As ações listadas foram o uso de lâmpadas de LED em suas instalações e, no caso da Construtora Beta, isso se estende às obras realizadas pela empresa e, sempre que possível, fazem a reutilização dos descartes. Também foram citadas a redução do uso de papel nos escritórios e reutilização em rascunhos, adoção de xícaras e garrafas pelos colaboradores ao invés do uso de copos descartáveis. Há coleta seletiva dos resíduos gerados.

No caso da Farmacol, os produtos perfurocortantes são descartados por empresas terceirizadas especializadas, para que os produtos não sejam descartados em lixo comum, podendo prejudicar a natureza ou podendo colocar em risco a vida de outras pessoas. A organização farmacêutica funciona também como ponto de coleta de medicamentos vencidos para que seja feito o descarte inteligente e destinado a local seguro e adequado.

Outra ação identificada é uso de placas solares nas organizações, assim como a conscientização quanto ao uso e redução do consumo de água e energia elétrica. Além disso, a Farmacol afirma fazer uso de produtos de limpeza que sejam menos tóxicos e mais neutros para que possam impactar menos o meio ambiente, pois esses produtos acabam sendo despejados na rede de esgoto e sendo levados até o solo.

Para Back (2015), muitos negócios têm adotado iniciativas de sustentabilidade por relacioná-las com redução de custos e otimização de recursos, como no caso da Construtora Beta que reaproveita parte do material utilizado nas obras. Assim, como o uso de placas solares que proporcionam uma redução no custo da energia elétrica.

Ao serem questionados se o dinheiro aplicado em ações sustentáveis pode ser considerado investimento e não gasto pela empresa, todos gestores concordaram que é investimento, principalmente pelo retorno financeiro que algumas mudanças trouxeram. Na empresa Ferro e Aço, por exemplo, a adoção de placas solares proporcionou economia e renda por conta “da geração de energia solar, onde a economia e a sobra da energia gerada, além de pagar o investimento, ainda gera uma renda não operacional”. Esta fala reflete a motivação quanto à adequação a sustentabilidade que não tem sido de cunho ambiental e sim para cumprir exigências das legislações e do reflexo na economia direta dos seus custos nas suas atividades.

A gestora da Farmacol apresenta a importância de ter consciência e uma visão sistêmica quanto as escolhas adotadas nas organizações:

Acredito que o dinheiro aplicado em ações sustentáveis são investimento, não custo. É porque nós muitas vezes perdemos a consciência que fazemos parte de um todo [...] hoje a gente está conseguindo identificar que é tudo sistêmico, a minha escolha reflete

diretamente as minhas consequências, mas também sistemicamente, a gente tá refletindo no todo, no mundo. O impacto no meu bairro na minha cidade no meu país no mundo. E a soma de cada parte tomando suas escolhas e decisão vão construindo os problemas ou as possíveis soluções. Aumentar a consciência das pessoas para gerir os recursos que tem dentro do corporativo dentro da empresa e fora da empresa.

Essa visão vai ao encontro do que a literatura traz em relação aos objetivos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável, que deve começar com pequenas ações pontuais partindo do individual para se obter um alcance global, tendo a consciência de que toda ação gera um impacto seja positivo ou negativo e que as perdas ambientais não podem ser compensadas por recursos financeiros (VAN BELLEN, 2006; VEIGA, 2011).

4.2 A sustentabilidade como influência e diferencial competitivo

A segunda categoria analisada é quanto a exercer influência sob a cadeia de clientes a também se adequarem ao desenvolvimento sustentável. O grupo Alfa afirmou não contribuir para esse sentido e que não realiza nenhuma ação voltada para estimular seus clientes a se adequar a sustentabilidade ambiental. As demais organizações afirmaram que influenciam de diversas formas. O gestor da Ferro e Aço salientou que essa influência ocorre por meio das políticas e ideias adotadas na própria organização, servindo assim de exemplo para os demais.

A Construtora Beta descreveu que essa influência se dá através da escolha de materiais de construção que favoreçam ao desenvolvimento sustentável, enquanto que a gestora da Farmacol, considera que a influência ocorre através de um atendimento consultivo oferecido na organização, orientando seus clientes quanto ao descarte dos medicamentos que não serão mais utilizados. Além disso, é feita a conscientização acerca da autoingestão de medicamentos que podem não ser adequados ou mesmo prejudicar a saúde. Evitando assim maior produção de lixo, e mais descartes desnecessários, de modo que a gestora busca, através de seus colaboradores, trazer maior consciência aos seus clientes quanto ao consumo inapropriado e descarte adequado dos medicamentos, visando contribuir para a sustentabilidade ambiental.

Os gestores foram unânimes quanto à adequação a sustentabilidade gerar diferencial competitivo no mercado de atuação. O Instituto Ethos (2013) diz que uma organização que busca valores financeiros, mas também éticos, sociais e ambientais, contribui para a continuidade de sua própria atividade, tornando-se mais competitiva. Na visão do Grupo Alfa, a organização gera esse diferencial “buscando meios sustentáveis como eficiência energética, gerando economia para se tornar mais competitivo”. O gestor compreende que a economia gerada pode trazer diferencial no mercado para se tornar mais competitivo com preços mais reduzidos. Veiga (2008) ressalta que a opinião pública tem influenciado as organizações quanto a percepção da importância de mudanças de atitudes e comportamentos socioambientais, sendo uma forma de se tornarem mais competitivas que os concorrentes.

Na Ferro e Aço, a adequação à sustentabilidade tem possibilitado economia e tem dado até um retorno financeiro com o uso de placas solares. Segundo o gestor “Hoje a empresa consegue economizar energia e ainda tem uma renda extra da sobra gerada pela energia solar e demais ações onde consegue sempre com as medidas adotadas reduzir os custos e despesas”. Nota-se que partes dessas ações são desenvolvidas com foco voltado para economia e não com a causa ambiental como prioridade, isso acontece por falta de uma consciência ambiental dos gestores e de suas organizações que devem ser incluídas na rotina das organizações e se tornar uma cultura sustentável também em seus colaboradores. Para Santos e Souza (2021) enquanto o fator econômico for usado como referência para as decisões que afetem a forma de uso dos recursos naturais a sustentabilidade ambiental não será alcançada.

A gestora da Farmacol afirma que a competitividade está muito acirrada e que na era digital as informações se propagam de forma rápida e sua organização busca demonstrar sua

rotina junto a seus colaboradores sendo transparente a seus clientes, para que vejam uma postura de contribuição para sociedade relacionado à sustentabilidade, pois há no mercado muitas organizações do mesmo segmento que possuem preço baixo e que deve se ter o diferencial competitivo para que seja a primeira escolha na hora do cliente decidir por aquele segmento:

Ela [empresa] não quer só vender, lucrar (...) ela quer levar algo a mais. E isso nos posiciona como um diferencial competitivo. Gera um significado para as pessoas, gera um bem-estar e as pessoas começam a se conectar com aquela marca, com aquela empresa, e assim essa empresa começa a se posicionar de uma maneira muito mais competitiva do que outras que estão simplesmente de forma superficial tentando vender, comercializar e entregando produtos.

Assim, a postura da empresa quanto à sustentabilidade reforça diante dos seus clientes uma imagem corporativa de socialmente responsável trazendo benefícios a organização do ponto de vista competitivo no mercado (MADEIRA, 2014).

Quanto às formas de divulgar as práticas sustentáveis para que mais pessoas sejam encorajadas a fazer o mesmo, o Grupo Alfa discorda que a escolha dos clientes seja por empresas sustentáveis, a organização considera que os consumidores estão preocupados com outros fatores principalmente de cunho financeiro, como afirma a seguir: “Acredito que os clientes em sua maioria não decidem sua compra por empresa A ou B por empresas que seguem políticas sustentáveis ou não. Suas escolhas são por qualidade em atendimento, produto e preço”. Este pensamento faz com que poucas organizações busquem de forma voluntária a mudança de comportamento, considerando que não traria resultados financeiros que acaba sendo o fator primordial para mudanças na postura na organização, dessa forma elas executam o que está previsto na lei para não sofrer nenhuma penalidade (BARBIERI, 2004).

Já o respondente da Ferro e Aço possui outra visão quando diz que “Acreditamos que o exemplo é essencial para influenciar qualquer mudança que deseja obter”. E essa mudança de consciência pode sim contribuir para novas posturas a começar pela própria organização e seus colaboradores. A gestão voltada para sustentabilidade pode colaborar para disseminar a consciência de desenvolvimento sustentável no negócio sendo capaz de se tornar referência para as pessoas e demais empresas (BACK, 2015).

A Construtora Beta e Farmacol utilizam o meio digital e as redes sociais, que possuem longo alcance de pessoas e clientes como forma de divulgação de suas ações. Essas organizações acreditam que o melhor meio hoje seja digitalmente, divulgando pequenas ações diárias que fazem a diferença, mostrando o que a organização faz, sendo uma vitrine e abrindo espaço para que as pessoas conheçam de fato quem é a empresa, trazendo qual a postura da organização quanto a sustentabilidade e assim incentivar outras pessoas a contribuir para um desenvolvimento mais sustentável.

4.3 Desafios encontrados pelos gestores quanto ao desenvolvimento sustentável

Ao final do questionário, os gestores puderam expor quais os desafios encontrados por suas organizações quanto ao desenvolvimento sustentável. Houve convergência somente quanto às políticas públicas que podem contribuir para um desenvolvimento sustentável e o trabalho de conscientização dentro das organizações. Assim, a empresa Grupo Alfa, que está com projetos de implantação de energia solar com intuito de atender em 100% o consumo das empresas do grupo, considera que o desafio é o mercado internacional monetário, com a cotação do dólar, que sofreu alta neste período de pandemia trazendo um aumento significativo para a implantação de seus projetos, assim como a possível taxaço para os usuários da energia solar:

Com a falta de empresas nacionais de produção e alta do dólar tivemos aumento de 60% no valor dos orçamentos comparados com os de antes da pandemia. A insegurança nas leis de nosso país sobre a possível taxação de geração de energia solar também afeta essa tomada de decisão.

Mais uma vez, o fator financeiro se torna um entrave para que medidas de melhorias de cunho ambiental sejam implantadas dentro da organização. A dificuldade está em incluir as mudanças tendo em vista a preservação ambiental, já que o direcionamento do negócio está para o lucro (BACK, 2015). Nota-se que a preocupação segue sendo o fator financeiro e as mudanças acontecem em função do mesmo e não pelo impacto que o uso da energia solar poderia causar ao meio ambiente.

A Ferro e Aço atribuiu suas dificuldades para adotar práticas sustentáveis devido à falta de políticas públicas e à carência de conscientização da sociedade.

Ainda no país precisamos de mais políticas e incentivos fiscais para a prática do desenvolvimento sustentável. Temos ainda a resistência e conscientização das pessoas quanto a importância fundamental de políticas sustentáveis para o futuro do planeta e da vida em geral na terra.

Sachs (2009) afirma que os governos possuem as atribuições de trazer essa discussão e elaborar medidas e políticas públicas que contribuam para o alcance de resultados efetivos quanto ao desenvolvimento sustentável para as gerações. Já na Construtora Beta, o desafio tem sido a rotina diária com os seus colaboradores, realizando trabalhos que tragam maior conscientização dentro do ambiente organizacional para que haja uma cultura dentro da organização para práticas mais sustentáveis, como afirma seu gestor ao falar do desafio: “Recursos humanos – realizar um trabalho educativo junto aos colaboradores para que todos possam ter práticas sustentáveis no dia a dia”. Nesse contexto, criar uma cultura sustentável seria de extrema importância para que essas práticas se propaguem para além das organizações.

Do mesmo modo, a gestora da Farmacol considera que o maior desafio seria o trabalho de conscientização, de criar uma cultura organizacional para a sustentabilidade ambiental e assim fazer um trabalho contínuo à medida que forem saindo e entrando novos colaboradores, para que possam incorporar aos seus comportamentos diários organizacionais e isso possa refletir para além da organização, em seu convívio com os demais grupos em que convivem.

Eu acredito que o desafio é o despertar da consciência constante. Porque quando a gente desperta a consciência precisa estar o tempo todo com trabalho de autoconsciência, com planejamento para que a gente reavalie o nosso posicionamento contínuo. Isso é um desafio, porque na empresa novos colaboradores vão chegando e nós temos que ir criando planejamento de despertar essas pessoas também para entender a importância das escolhas conscientes de consumo, de descarte de lixo. Pra que esse ambiente em si promova atitudes sustentáveis e que ele possa refletir e levar isso pra casa dele pra outros grupos os espaços ao qual ele está inserido, mas o desafio é esse.

Outra questão é a importância de a liderança das organizações ter essa consciência e assim realizar o trabalho de desenvolvimento de uma cultura e programas educacionais que tragam esses valores ambientais para dentro das organizações e sejam incorporados à rotina, tornando-se então uma cultura de ações sustentáveis e trazendo resultados de sustentabilidade no ambiente interno e externo das organizações (BACK, 2015). Nesse contexto, a gestora da Farmacol apresenta a discussão:

Principalmente nós que estamos na postura de liderança de estar criando um planejamento dentro da nossa gestão de estar continuamente despertando a autoconsciência para que cada um reavalie as suas condutas e que os líderes não percam

o direcionamento de estarem buscando recursos necessários pra está diminuindo dentro da empresa consumos inapropriados e orientando as pessoas pra que tenham ações e atitudes inteligentes no sentido da sustentabilidade quando utilizar dos recursos que estão disponíveis a eles.

Como pontuado pela gestora da Farmacol, para Back (2015) às diretrizes e configuração de uma organização são em parte reflexo do comportamento de seus líderes, principalmente em empresas de pequeno porte onde há um controle direto dos proprietários nas atividades.

Entre esses 4 gestores (as) que responderam ao questionário, notou-se que poucas ações significativas têm sido adotadas quanto à sustentabilidade em relação às organizações investigadas, e assim, pode-se afirmar que muito precisa ser difundido entre o meio empresarial e nas organizações acerca da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável, tanto no que se refere ao aspecto ético das empresas, quanto às questões estratégicas e os benefícios que esse tipo de postura pode trazer à imagem das organizações nos municípios onde atuam. O pouco que tem sido feito pelas organizações tem sido impulsionado pelas medidas e cobranças determinadas pelos órgãos governamentais, se não houvesse legislação ambiental não haveria tanto envolvimento das organizações de forma voluntária (BARBIERI, 2004; BACK, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou identificar o que as empresas do interior de Rondônia, nas cidades de Cacoal e Vilhena, têm feito quanto ao desenvolvimento sustentável. Percebeu-se que muitas das empresas contatadas não participaram alegando falta de tempo ou mesmo negativa da comissão ambiental da empresa, o que mostra a necessidade de aumento nas ações de conscientização do empresariado pois são eles os responsáveis por tomar as decisões acerca da necessidade da adoção de ações sustentáveis para suas organizações. As empresas contatadas, em geral, resumem seu planejamento acerca da sustentabilidade a ações isoladas como: a adoção do uso de copos individuais substituindo os descartáveis; descarte adequado de produtos vencidos; adoção de placas solares; uso de lâmpadas de LED; redução no uso de papel; redução no consumo de água e energia e coleta de resíduos.

Em um contexto geral, os gestores das organizações têm pouca compreensão do que seria desenvolvimento sustentável, refletindo assim nas práticas de suas organizações, tendo em vistas as novas vertentes acerca desse tema que tantas contribuições podem trazer à sustentabilidade. Estas novas vertentes incluem aspectos como a consideração da diversidade cultural, geográfica, espiritual e mesmo psicológica do ser humano.

Deste modo, a sustentabilidade abrange mais que recursos como as matérias primas, mas inclui pensar em responsabilidade social e o bem-estar da população, isto é, práticas que são sustentáveis para o ser humano enquanto pessoa que trabalha, que planeja, que vive nesse planeta e que precisa ser cuidado assim como os demais recursos considerados pelos gestores.

Buscou-se identificar estratégias que as organizações têm adotado em torno do desenvolvimento sustentável. Percebeu-se que, das quatro organizações participantes, a maioria das ações consideradas sustentáveis, na verdade, abrange apenas o pilar econômico, que envolve diminuição de custos e o cumprimento da legislação a fim de evitar multas ou demais penalidades que incidem no não cumprimento das normas. Quanto aos gestores, exceto a gestora da Farmacol, percebeu-se pouca consciência quanto às questões ambientais, que direcionam mais em ações que trouxessem benefícios econômicos. E isso reflete na falta de estratégias adotadas nas organizações para o desenvolvimento sustentável. Pois as configurações de uma organização são em parte reflexo do comportamento de seus líderes.

Em relação aos desafios apontados pelas organizações na busca de um desenvolvimento mais sustentável, foram destacadas: a incerteza em relação a taxa de produção de energia

solar, a falta de políticas públicas e incentivos fiscais para a adoção de ações para o desenvolvimento sustentável e dificuldade de manter uma cultura consciente dos colaboradores.

Ao longo da realização desta pesquisa houve algumas limitações, como o fato de ter sido desenvolvida em período de pandemia, reduzindo a possibilidade de contato de forma presencial, assim como a falta de interesse de algumas organizações em participar da pesquisa, alcançando assim um número pequeno na amostra pensada inicialmente. Outra limitação à pesquisa foi a falta de tempo apontada pelos gestores para responder ao questionário ou mesmo para fornecer documentos para análises, para que fosse possível identificar ações reais e efetivas além do discurso apresentado pelo responsável por cada organização.

Grande parte dos problemas ambientais que assolam as populações do planeta podem ser amenizados através da educação ambiental e com práticas da sociedade voltadas para a defesa e conservação dos bens naturais e conscientização dos gestores das organizações que serão os responsáveis por implantar as mudanças dentro do ambiente organizacional. Nesse sentido, as instituições de ensino têm muito a contribuir propondo projetos de pesquisas e de extensão ao empresariado em diversos formatos, como através de feiras, videoconferências entre outros, para que seja de fácil acesso e estimule a busca por conhecimento.

O processo de mudanças nas práticas, conscientização e responsabilização das organizações e sociedade em geral quanto o desenvolvimento sustentável para além do tripé de desenvolvimento sustentável, que inclui as dimensões de sustentabilidade apresentadas por Boff (2016) e Sachs (2009), como os pilares da diversidade cultural, o pilar espiritual, institucional, bem como aspectos geográficos, psicológicos, de política nacional e internacional, pode gerar maior efetividade para um desenvolvimento que seja sustentável. Além disso, percebeu-se a necessidade de aprimorar cada vez mais a atuação do poder público em relação à sustentabilidade, através do fortalecimento das políticas públicas existentes, a fim de ampliar as ações das organizações para além dos fatores econômicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACK, Lea. S. **Responsabilidade social corporativa em empresas de pequeno e médio porte: fatores que influenciam a adoção de iniciativas de sustentabilidade.** 114 f. Dissertação de mestrado. PUC-RS – Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6306/2/474596%20-%20Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.
- BARBIERI, J. C. **Gestão Ambiental Empresarial: conceitos, modelos e instrumentos.** São Paulo: Saraiva, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: O que é - o que não é.** 4. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2016.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - CMMAD. **Nosso futuro comum.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ELKINGTON, John. **Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business.** Oxford: Capstone, 1997.
- FERREIRA, Ramon de Souza. A importância do direito ambiental para o desenvolvimento sustentável e a preservação do meio ambiente. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e194972591, mai./2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2591>. Acesso em: 09 mai. 2022.
- HART, S. L., MILSTEIN, M. B. Criando valor sustentável. **Revista de Administração de Empresas.** v. 3, n. 2, maio/jul. 2004, p. 65-79.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**, 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/vilhena/panorama>. Acesso em: 24 mai. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**, 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/cacoal/panorama>. Acesso em: 24 mai. 2022.

INSTITUTO ETHOS. **Indicadores Ethos para negócios sustentáveis e responsáveis**. São Paulo: Instituto Ethos, 2013.

_____. **Banco de Práticas – Dimensão Ambiental**. Disponível em:
<https://www.ethos.org.br/conteudo/banco-de-praticas-2/praticas-da-dimensao-ambiental/>. Acesso em: 09 mai. 2022.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEMOS, Ediberto Barbosa; SILVA, Guilherme Giacon da; PAES-DE-SOUZA, Mariluce; MEDEIROS, Haroldo de Sá. Análise bibliométrica sobre desenvolvimento sustentável e políticas públicas na Amazônia brasileira. **NAU Social**, v. 13, n. 24, p. 871–886, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/45061>. Acesso em: 27 fev. 2022.

MADEIRA, W. D. V. Plano Amazônia sustentável e desenvolvimento desigual. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 19-34, out./2014.

MALHEIROS, Bruno; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; MICHELOTTI, Fernando. **Horizontes Amazônicos: para repensar o Brasil e o mundo**. 1.ed., São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Expressão Popular, 2021.

MENEZES, Thereza Cristina Cardoso. Governança ambiental e regularização fundiária: o desenvolvimento e as múltiplas dinâmicas territoriais na Amazônia. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 17, p. 1-18, abr./2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412020v17d452>). Acesso em: 11 mai. 2022.

NASCIMENTO, L. F.; LEMOS, A.; MELLO, M. C. **Gestão socioambiental estratégica**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

OLIVEIRA, Eliana de Oliveira. *et al.* Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 9, p. 11-27, mai./2003. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/6479/6383>. Acesso em: 25 mai. 2022.

POTT, Crisla Maciel; ESTRELA, Carina Costa. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 89, p. 271-283, jan./2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890021>. Acesso em: 17 mai. 2022.

ROCHA, Daniela de Paula; BACHA, Carlos José Caetano. A preocupação das políticas públicas com a sustentabilidade dos recursos florestais em Rondônia. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 38, n. 3, p. 9-40, 2000. Disponível em: <http://www.resr.periodikos.com.br/article/5dd56d390e8825ec5bc8fca7/pdf/resr-38-3-9.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2021.

RONDÔNIA. Governo. Disponível em: <<http://www.rondonia.ro.gov.br/diof/sobre/historia/>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 2. Ed. São Paulo: Garamond, 2009.

SANTOS, Antônio C.; SOUZA, Alessandra B. Do desenvolvimento (sustentável) à ética ambiental. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 43, n. 2, p. 55889, dez./2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/55889/751375153163>. Acesso em: 05 mai. 2022.

SANTOS, I.; FÉLIX, R.; CARVALHO, T. **Gestão para a sustentabilidade do Terceiros Setor**: um estudo de caso comparativo entre duas organizações do Terceiro Setor da cidade de Itabirito. Projeto Empresarial em Administração, Faculdade de Administração de Itabirito, Itabirito, 2009.

SILVA, Nathália T. C.; FERREIRA NETO, José A. Rondônia: entre o estilo amazônico e a revitalização da noção econômica do desenvolvimento. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 139-160, jan. –jun. 2014. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/128/131>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, Antônio C. R. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade**. Salvador: UFBA, Faculdade de Ciências Contábeis, 2017.

SILVA, Andressa H.; FOSSÁ, Maria I. T. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. Qualit@s Revista Eletrônica, v.17, nº 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SOUZA, Leandro Barreto de. **Universidade sustentável: estudo de caso da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB**. Dissertação (Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas, BA, p.163. 2020.

TINOCO, João Eduardo Prudêncio; KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Contabilidade e gestão ambiental**. 3. ed. atual. São Paulo: Atlas, 2011.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VARMELING, Berto. **Desenvolvimento sustentável, tecnologia e organizações agroindustriais: revisão, reflexões e subsídios para indicadores de sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico. Criciúma, p. 100. 2018.

VEIGA, José Eli da; ZATZ, Lia. **Desenvolvimento sustentável, que bicho é esse?**. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade: A legitimação de um novo valor**. 2. Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

WWF. **ONGs de Rondônia alertam contra o desmonte de unidades de conservação na Amazônia**. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?65482/ONGs-de-Rondonia-alertam-contra-o-desmonte-de-unidades-de-conservacao-na-Amazonia>. Acesso em: 24 jun. 2022.